



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA  
FACULDADE DE HISTÓRIA

FERNANDA DE SOUSA OLIVEIRA

**A VISÃO DOS EUROPEUS SOBRE O NOVO MUNDO SEGUNDO AS CRÔNICAS  
DE PERO DE MAGALHÃES DE GÂNDAVO E JEAN DE LÉRY: MEDOS E  
PERSPECTIVAS DESTA TERRA CHAMADA BRASIL**

ANANIDEUA

2024

FERNANDA DE SOUSA OLIVEIRA

**A VISÃO DOS EUROPEUS SOBRE O NOVO MUNDO SEGUNDO AS CRÔNICAS  
DE PERO DE MAGALHÃES DE GÂNDAVO E JEAN DE LÉRY: MEDOS E  
PERSPECTIVAS DESTA TERRA CHAMADA BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do grau de Licenciatura em História, Faculdade de História, Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva

ANANINDEUA

2024

Dedico este trabalho à memória da minha mãe Raimunda de Sousa Oliveira por acreditar em mim antes mesmo que eu acreditasse, por todos os anos de trabalho, esforço e abdicção dedicados a nós filhos, mediante a sua fé inabalável que poderíamos alcançar grandes realizações a partir dos estudos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a esta Instituição Universidade Federal do Pará – Campus Ananindeua por ter me proporcionado a melhor qualidade de ensino dentro do curso Licenciatura em História mediante a sua equipe gestora em especial aos professores que contribuíram de forma significativa para minha formação acadêmica.

Expresso minha imensa gratidão ao meu orientador Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro por ter aceitado me orientar brilhantemente, dispondo de seus ensinamentos e compreensão que foram de suma importância durante todo o processo de construção deste trabalho.

Aos meus irmãos Francireni de Sousa Oliveira e Fábio Luis de Sousa Oliveira que foram pilares fundamentais para que eu conseguisse chegar ao final do curso dispondo de toda a ajuda e auxílios necessários.

Agradeço também ao Thiago Santos por estar ao meu lado me ouvindo, ajudando e incentivando todos os dias a não desistir do meu sonho.

E por fim, a Psicóloga Emanoeli Souza dos Santos mediante ao seu profissionalismo e acolhimento humanizado, pois quando cheguei ao fundo do meu pior momento, me fez ver que era possível ressignificar as dificuldades, podendo assim retomar minha vida novamente a partir de novas perspectivas.

## **RESUMO:**

Esta pesquisa consiste em analisar os medos e perspectivas que levaram os viajantes europeus a adentrarem o Atlântico em busca deste Novo Mundo a partir das crônicas de Jean de Léry e Pero de Magalhães de Gândavo. A análise foi desenvolvida mediante a vinda dos cronistas para este território entre 1557 a 1560 onde observou com o presente estudo que o medo consistiu em um método de controle dos europeus sobre sua própria população dentro da metrópole quanto aos habitantes que encontraram neste Novo Mundo, trazendo consigo perspectivas sobre o que encontrariam nas terras além-mar, o imaginário europeu perpassava entre o fim do mundo, monstros espantosos dentre muitas variáveis que encontrariam durante as viagens, mas foram surpreendidos quando aportavam neste território se deparando com indivíduos de boa aparência completamente diferentes do que se tinha de ideário inicial. Apesar de suas diferenças culturais distintas ocorrendo um estranhamento mútuo, os europeus entenderam que apesar do vislumbre a priori quele território se tratava de uma terra farta repleta de uma natureza estonteante a qual os trariam benefícios valiosos.

Palavras-chave: Novo Mundo; Brasil; cronistas; descobrimento; europeus; colonização; exploradores; viagens; medo.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2. SINGULARIDADES DOS CRONISTAS .....</b>	<b>8</b>
<b>3. EXPRESSÕES DO MEDO.....</b>	<b>12</b>
<b>4. CONCLUSÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa consiste no seguinte tema A visão dos europeus sobre o novo mundo segundo as crônicas de Pero de Magalhães de Gândavo e Jean de Léry: medos e perspectivas desta terra chamada brasil no intuito de analisar o medo e as perspectivas que levaram os viajantes europeus portugueses e franceses a adentrarem o oceano atlântico em busca deste Novo Mundo repleto de singularidades.

Buscando compreender as perspectivas e medos pelos quais faziam os europeus adentrarem nestas expedições que mesmo mediante as dificuldades, os levavam a mergulharem fundo nesta ideia, sendo tomados por uma coragem arrebatadora para enfrentarem assim o temido grande mar tentando dominar o desconhecido. O estudo consiste a partir da vinda dos dois cronistas para o Novo Mundo que ocorreu entre 1557 e 1560, tomando como fonte de análise suas seguintes obras: A primeira História do Brasil do autor Pero de Magalhães de Gândavo e História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América do autor Jean de Léry.

A temática será analisada a partir dos escritos dos cronistas em como ocorreu o descobrimento deste novo território mediante a perspectiva de cada um, as especificidades de cada autor, suas aproximações e diferenciações sobre suas experiências e o que os tomavam por medos desde de seus embarques dos países de origem, os processos das viagens, as chegadas ao Novo Mundo perpassando por suas estadias nesta terra até suas partidas.

Mediante ao estudo realizado compreendeu-se que as expedições vindas ao Novo Mundo foram de fundamental importância para a expansão política, social, econômica e religiosa dos países envolvidos, apesar dos medos eminentes na população, ocorriam entre eles algo em comum que eram os escritos bíblicos sobre os acontecimentos presentes sendo este a chegada próxima do juízo final, esses indivíduos precisavam estarem prontos, com o maior número de almas possíveis convertidas sobre sua doutrina e limpos de seus pecados quando este dia chegasse, assim estariam em destaque sobre os olhos de Deus, tomando sobre a mentalidade europeia está ideia a partir do século XV causando muitas dúvidas e incógnitas sobre o que encontrariam nas viagens expansionistas ultramar, perpassando também essa mentalidade para o século XVI mesmo com todas as questões que os envolviam individualmente e coletivamente eram conscientes que os benefícios seriam de grandeza inestimável ao desbravarem outras terras e apesar das adversidades enfrentadas constantemente nas viagens a recompensa para seus países seriam muito maior

que suas fragilidades.

Durante este estudo passaremos por um breve contexto do descobrimento, como se deram as viagens que trouxeram os cronistas Pero Magalhães e Jean de Léry ao Novo Mundo apesar de todo medo e adversidades que enfrentaram durante o percurso buscando entender assim suas perspectivas e o que encontraram ao aportarem neste Novo Mundo.

As viagens expansionistas ultramarinas em busca de novas rotas comerciais eram constantes a partir do século XV na Europa os países almejavam o crescimento econômico através das especiarias e a ampliação do poder monárquico. Os portugueses detinham o pioneirismo para traçar esses caminhos ultramar por meio de sua estabilidade política, econômica e tecnológica seguindo bem próximos a eles tinham os espanhóis que buscavam essas rotas comerciais a partir do Atlântico, alcançando um êxito importante em uma de suas expedições comandada pelo então navegante Cristóvão Colombo o qual mediante a descoberta de uma nova rota a oeste do Atlântico encontrariam o que seria este Novo Mundo, uma porção de terra que se tornaria a então América. A notícia desta conquista repercutiu o interesse de domínio entre as duas nações mais poderosas da época que eram Portugal e Espanha, ocasionando assim a divisão desta porção territorial recém descoberta mediante a uma linha imaginária ficando os portugueses ao final das negociações com grande parte das terras ao sul, mediante a vontade incessante em ampliar seu poderio econômico e com grande interesse nesta nova rota que os fariam chegar as Índias.

Segundo Carlos de Araujo Moreira Neto (2009, p.21) ao descobrir a América em 1492 Colombo precisou garantir a posse do território para a Espanha, assim foi solicitado por Fernando de Aragão ao Papa Alexandre VI um documento chamado Bula Inter Coetera que salvaguardava que toda a terra traçada a uma légua a oeste do Açores e Cabo Verde era pertencente aos reis católicos da Espanha. Portugal por conseguinte não concorda com este ato, assim sendo o rei D.João II realizou diretamente com a corte espanhola um novo acordo que a demarcação seria deslocada para 370 léguas das Ilhas de Cabo Verde ficando este conhecido como Tratado de Tordesilhas.

A conquista do Brasil ocorreu 1500 pela expedição portuguesa comandada pelo navegador Pedro Álvares Cabral, ao navegarem o entorno do Cabo de Boa Esperança em busca de mar calmo os portugueses tiveram a primeira vista um grande monte o qual imaginavam ser uma ilha denominando então este de Monte Pascoal, por conseguinte Terra de Vera Cruz até se chegar ao nome Brasil.

Reinando aquele mui católico e sereníssimo príncipe el-rei dom Manuel, fez-se uma frota para a Índia na qual ia como capitão-mor Pedro Álvares Cabral; foi essa a segunda navegação que fizeram os portugueses para aquelas partes do Oriente.

Partiram da cidade de Lisboa a nove de março no ano de 1500. E estando já entre as ilhas do Cabo Verde, nas quais iam fazer aguada, deu-lhes um temporal, que foi a causa de não as poderem alcançar e de se apartarem alguns navios da companhia. E depois de haver bonança, reunida outra vez a frota, empegaram-se ao mar, assim para fugirem das calmarias da Guiné, que lhes podiam estovar a viagem, como por lhes ficar largo poderem dobrar o cabo da Boa Esperança. (GÂNDAVO, 2004, p. 41-42).

Depois de alguns dias aportados nessas terras, ocorreu o primeiro contato com os indígenas que apesar do grande impacto cultural entre ambas as partes posteriormente se tornaram acessíveis apesar de todo o contexto que os envolviam. Esta expedição tinha como intuito alcançar o Oriente para adquirir novos produtos que trariam uma variedade abrangente ao mercado consumidor europeu, mediante as especiarias diferenciadas e novas matérias- primas para o aumento do seu sistema produtivo em diversos setores.

E havendo já um mês que iam naquela volta navegando como o vento próspero, foram dar na costa da província, ao longo da qual cortaram todo aquele dia, parecendo a todos que era alguma ilha que ali estava, sem haver piloto nem outra pessoa alguma que tivesse notícia dela, nem que presumisse que poderia haver terra firme naquela parte ocidental. E no lugar dela que lhes pareceu mais acomodado, surgiram naquela tarde, onde logo viram a gente da terra, de cuja semelhança não ficaram pouco admirados, porque era diferente da Guiné e não se parecia com nenhuma das outras que tinham visto. (GÂNDAVO, 2004, p.42-43).

Para os exploradores seguintes ao descobrimento da América este seria um lugar para além de uma busca incessante por expansionismo econômico e territorial, advém também em detrimento religioso sendo a Igreja Católica dominante na Europa daquele período, está detinha de grande interesse nas navegações vindas aos novos territórios pois poderiam assim também ampliarem seus domínios catequizando novas almas.

No dia seguinte, saiu Pedro Álvares com maior parte da gente em terra, onde se disse logo missa cantada e houve pregação; e os índios que ali se juntaram ouviam tudo com muita quietação, usando de todos os atos e cerimônias que viam fazer os nossos. E assim, punham de joelhos e batiam nos

peitos como se tivessem lume de fé, ou como se, por alguma via, lhes tivesse sido revelado aquele grande e inefável mistério do Santíssimo Sacramento. No que mostravam claramente estarem dispostos a receber a doutrina cristã a qualquer momento que lhes fosse ensinada, como gente que não tem impedimento de ídolos, nem professa outra lei alguma que possa contradizer nossa (GÂNDAVO, 2004, p. 43-44)

Embora o ideário renascentista estivesse fortemente sendo propagado a mentalidade dos indivíduos ainda estavam impregnadas em um imaginário medieval cristão sendo Deus provedor de todas as coisas, acreditavam serem guiados por Ele de alguma forma na realização de seus feitos cotidianos e na exploração de novas terras em meio as conquistas oceânicas, em detrimento a esse pensamento sobre o desconhecido que pairava sobre o novo território perpetuava-se a partir de relatos existentes na literatura que vinham sendo perpassados ao longo de anos.

Para Laura de Mello e Souza (2009, p.44) os motivos principais que levaram os indivíduos a seguirem para essa nova terra chamada América advém em grande parte de uma religiosidade forte apesar da vinculação constante entre a natureza, o humano e divino. A qual fundir-se como um dos pilares fundamentais o divino tornando um dos objetivos que levaram as navegações, esses que detinham de uma contrariedade indissolúvel entre Deus e o diabo “divino”, o paraíso sobre a terra a qual buscavam constantemente encontrar o tão temido inferno “mundo natural” e por fim o conflito interno para com os homens que seriam virtude e pecado estando frequentemente em vigília “entre homens”.

Os exploradores buscavam enfrentar o medo desse imaginário desconhecido para além da expansão do seu império econômico fazendo também um trabalho catequizador, buscando trazer novas almas para sua instituição sagrada, tanto na religião Cristã Católica que consistia em sua dominância como também no protestantismo que já estava em movimento durante o século XVI.

De acordo com Laura de Mello e Souza (2009, p.48-49) a forte mentalidade religiosa que vinha da idade média infiltrava-se também na idade moderna advindo repleta de dogmas assustadores e angustiantes tornando para os portugueses a catequese dos povos indígenas neste novo território um fator de fundamental importância se tornando uma das características principais do processo colonizador.

Ainda assombrados por esse imaginário fantástico que poderia vir repleto de figuras

monstruosas, detinham de uma curiosidade sobre o que encontrariam nessas novas terras para além do Atlântico, regados as crenças de céu, paraíso, purgatório e inferno pensavam que poderiam encontrar tudo em um único lugar, podendo deparassem com as maravilhas de um reino sagrado ou o local a serem purgados, purificados de seus pecados vivendo em um paraíso abundante em meio aos jardins sagrados e em outro momento no inferno sobre à terra onde seriam condenados a viverem em um ambiente repleto de mazelas e tormentas.

Para Laura de Mello e Souza (2009, p.51-52) mediante ao descobrimento do Brasil os portugueses ao encontrarem uma natureza estonteante buscavam aproximações significativas que os levassem a certeza que estavam diante do Paraíso terrestre, se tornando então esta terra familiar pela presença divina que os sentiam mediante a tantas características encontradas igualava-se aos que traziam em seu imaginário sobre o que seria paraíso celeste.

No entanto, apesar das viagens serem longas, cansativas que por muitas vezes lhes faltassem alimentos e recursos para enfrentarem o grande mar repleto de percalços, acreditavam que poderiam encontrar também monstros marinhos, sereias encantadas, tempestades avassaladoras entre outros vários infortúnios.

Segundo Laura de Mello e Souza (2009, p.70-71) os indivíduos que habitavam terras distantes eram para os europeus seres fantásticos, que advinham de uma outra humanidade. Trazendo uma continuidade da mentalidade medieval que traziam medo sobre o desconhecido mas tentavam equilibra-lo mediante aos diversos monstros criados pela religião sendo estes: pestiarios, humanos, normais e os que vinham dos confins da terra.

O estranhamento mediante aos indígenas era algo inevitável para os europeus a qual eram vistos como selvagens por seus traços, vestes, costumes e modo de vida. Vistos como seres sem lei e ordem que os guiassem.

De acordo com Laura de Mello e Souza (2009, p.76) a cosmografia quatrocentista tinha uma perspectiva sobre estas novas terras a qual viveriam monstros e seres fantásticos. Sendo que ao aportar na América Colombo se deparou na América com povos de boa formação física, de caráter regular o qual quebra a ideia de seres monstruosos contida anteriormente.

Posteriormente, muitas foram as expedições vindas para o Novo Mundo, quando os europeus se deparavam com uma esta terra vasta, detentora de recursos naturais significativos

os quais poderiam ser explorados, avistaram grandes possibilidades de progresso e povoamento este que veio ocorrer somente a partir de 1530. Relatos eram feitos sobre o que poderiam ser encontrados nessas terras fazendo com que indivíduos tomassem para si o interesse de atravessarem o oceano em busca de melhorias as quais eram descritas mediante as propagandas que circulavam na Europa, dentre os portugueses que vinham nas expedições tinham os colonos que trabalhariam na exploração de recursos naturais inicialmente o pau-Brasil, viriam também militares, cronistas, estudiosos, artistas em geral, padres, pastores, missionários, escritores estes que viriam dentre vários para constarem de diferentes formas a existência e permanência no Novo Mundo.

“Além disto, é esta província, sem contradição, a melhor para a vida do homem que cada uma das outras da América, por ser comumente de bons ares e fertilíssima, e em grã maneira deleitosa e aprazível à vista humana.” (GÂNDAVO,2004,p.49)

Mediante a ampliação da metrópole conseguiriam fazer uma rede que uniu essas correntes dominantes nos relatos de viagens ligando o real, imaginário fantástico, fé, medo e domínio traçando esse vínculo, fazendo crescer a propaganda colonialista sobre o novo território instigando a população em suas tormentas mais profundas a buscarem por essa emigração, ocorrendo assim o crescimento populacional dessa nova terra que a tornaria na grande colônia de Portugal. Portanto, se transformou no lugar onde os exploradores conseguiriam estabelecer uma nova vida, mediante ao trabalho a ser exercido, fuga mediante as questões políticas, buscando também uma vida melhor e seu progresso espiritual.

A chegada ao Novo Mundo trouxe aos exploradores uma nova era a qual avistaram esperança em meio ao desconhecido, mesmo que muito ainda tivessem a serem desbravados nessas terras, as dificuldades e o medo eram amenizados em detrimento a ambição por prosperidade.

A convivência dos europeus com os indígenas se tornou um processo complicado por eles não cederem tão facilmente ao sistema exploratório mas que por muita insistência por parte dos europeus se tornou a ser até certo ponto viável mediante ao sistema de escambo buscavam negociar entre ambos seus produtos, mesmo sendo sem grande valia os produtos ofertados pelos europeus, os indígenas viam esses produtos diferentes e os tinham como inovadores podendo assim dizer, não tinham a percepção de um valor econômico a ser determinado por tais objetos. Então em troca desses produtos os indígenas disponibilizavam alimentos como a farinha de mandioca, peixe, algumas caças, frutas, mantimentos e auxílio ao lidar com o enfrentamento na extensiva floresta.

Embora grande era a propaganda feita por meio dos escritos sobre o Novo Mundo muitas eram as adversidades nessas terras que as tornariam inferiorizadas pelos europeus mediante sua natureza misteriosa, seu clima, os costumes indígenas em diversos aspectos, esta cultura única nunca antes vista por tais sujeitos, mesmo assim se tornou um atrativo significativo nos relatos de viagens, as diferenciações singulares desta terra, assim muitos sujeitos tinham o interesse em vir ao encontro desse território desconhecido com a vontade de uma reconstrução para uma nova vida se tornando assim a ser uma constante.

Os indígenas eram seres diferenciados tendo em vista o contexto de normalidade europeia, comparados a animais ferozes irracionais, monstros selvagens mas que depois de algum tempo os europeus foram alternando esta ideia e os vendo também como homens selvagens, tendo esta terra o que poderia ser uma nova humanidade. A qual necessitava de uma organização para obter um avanço significativo, tendo em vista a socialização total de seus habitantes e reestruturação do seu território.

Laura de Mello e Souza (2009, p.48) afirma que a religião foi um dos pilares fundamentais dentro do contexto da colonização e conquista da América, ocultando por vezes as barbaridades cometidas em nome de Deus assim apesar da importância religiosa pouco se adentrou em um estudo mais aprofundado sobre o tema, dando muito mais ênfase na sua superestrutura e infraestrutura a qual ampliaria sua conquista.

Foram se criando estruturas dentro dessas terras as quais foram tomando espaço com a chegada dos exploradores, estabelecendo relações entre europeus e indígenas iniciando assim a construção social brasileira, os ensinamentos tradicionais dos indígenas sempre foram de grande importância, mas a metrópole dominante jamais admitiria que sua cultura e religião fossem ofuscadas então o domínio vai tomando espaço no território, aumentando os escritos propagandistas colonizadores sendo estes diversos descrevendo minuciosamente cada elemento que era visível ou não no Novo Mundo tornando muitas vezes até exagerados, cada um os faziam de acordo com seus interesses tendo como propósito um benefício maior que seria expansão do domínio econômico de seus países. Além de portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses dentre outros, os franceses também vieram em algumas expedições em cada uma dessas viagens as experiências eram distintas mediante ao enfrentamento do vasto oceano ameaçador e ao aportarem encontravam indígenas de diferentes etnias dentre eles os mais conhecidos eram os Tupinambás que habitavam o entorno da costa litorânea brasileira.

Contudo, a busca incessante desses diversos exploradores ao Novo Mundo advém da possibilidade de encontrar o maravilhoso ou infernal mediante ao seu imaginário, a

colonização dessas terras beneficiaria em âmbito total a metrópole portuguesa, para os europeus os povos indígenas desse território eram seres insignificantes aos quais os tinham como descrestes, incapacitados de pensar e agir racionalmente, que precisavam serem inseridos na sociedade superiorizada europeia para serem considerados no mínimo homens, sendo que os portugueses acreditavam deterem tanto a proteção divina quanto o poder dos homens, tendo um amplo domínio, colocando o Brasil como sua colônia lucrativa a qual pensavam ser infindável, sendo que esta terra segue incessantemente tentando se apropriar de suas origens e reestabelecer seu território se desvinculando definitivamente de seus dominantes.

## **1. SINGULARIDADES DOS CRONISTAS**

Para compreendermos o cenário a qual os cronistas chegaram ao Novo Mundo adentraremos nas singularidades específicas de Pero Magalhães e Jean de Léry levando em conta suas origens e como foram moldando suas características fundamentais para a criação dos seus escritos.

Os registros sobre a vida de Pero Magalhães de Gândavo são poucos, nasceu na cidade de Braga ao norte de Portugal sendo este de origem flamenga, trabalhou na Torre do Tombo se tornando professor de latim, cronista, gramático, historiador e humanista. Escreveu a obra *A História da Província de Santa Cruz* a que vulgarmente chamamos Brasil em 1576 sendo o primeiro a publicar sobre esta nova terra mostrando que este era um lugar bom para se viver, reescrevendo a obra por três vezes até ser publicada falando sobre a fauna, flora e as singularidades do Brasil, adaptando-a mediante aos interesses do reino de Portugal.

No entanto, quando Gândavo escreve a primeira versão do livro toda em língua portuguesa indo de contramão aos outros autores que escreviam geralmente as obras em latim, não temia as críticas mesmo não sendo um escritor de renome, durante aquele período a conceituação de história se diferia sendo intituladas crônicas ou décadas como histórias oficiais, tratados eram tidos para relatar sobre novos lugares desconhecidos. Trazendo nas versões iniciais de seu livro como *Tratado da Terra de Santa Cruz*, para então se chegar a *História* na qual se exprime todos os relatos fantasiosos.

De acordo com Sheila Moura Hue (2004, p.17) Pero de Gândavo era um autor que utilizava de uma linguagem simplista em seus textos para que os tornassem acessíveis a grande massa da população. Não escrevia para intelectuais queria apenas ser compreendido por todos independente de seus graus de instrução.

Com sua escrita peculiar mediante aos autores da época a qual se estruturava em uma linguagem simplificada apesar de seu conhecimento avançado, podendo assim alcançar compreensão de todos. Pero de Magalhães chega ao Brasil em 1560 onde aporta na capitania de São Vicente buscando retratar elementos locais, sua experiência junto aos indígenas Tupinambás, mediante a ampla diversidade dessa terra tanto em fauna e flora. Mostrando a população indígena por vezes como dócil acessível e em outras como rebelde mediante ao trabalho imposto, dificultando assim o avanço do processo colonizador.

O autor em sua obra traz elementos fundamentais dessa nova estruturação social que estava sendo formada no Brasil, apesar do desconhecido fantástico os europeus detinham curiosidade sobre o que encontrariam no Novo Mundo, seres místicos, os quais Gândavo procurava se afastar apesar de ainda relatar alguns acontecimentos marcantes sobre monstros marinhos em algumas áreas as quais visitou. Seu texto renascentista era pautado no humano, longe dos grandes feitos almejando o público simples da metrópole mediante a propaganda do lugar propicio para se viver bem, instigando o colono a fazer está emigração para o Novo Mundo em busca de uma condição de vida melhor, povoando este lugar trazendo um crescimento econômico significativo para a coroa portuguesa.

Segundo Sheila Moura Hue (2004, p.23) Gândavo procurou escrever uma história buscando ao máximo retratar a verdade tentando por vezes se afastar de relatos fantasiosos.

Buscando demonstrar a fertilidade das terras as quais trariam um retorno significativo para os colonos, todas as coisas explicadas mediante sua utilidade, apesar de demonstrar em seu texto os benefícios dessa terra em muitos trechos ocorriam contrariedades estando próximo por vezes a humanização dos indígenas e no momento posterior mostrasse a favor da escravização dos mesmos.

De acordo com Sheila Moura Hue (2004, p. 24) Pero de Gândavo possuía uma variável ao descrever os indígenas, os apresentavam em alguns momentos como pacíficos e acessíveis em outros como animais selvagens, canibais “sem fé, nem lei, nem rei”.

Pero Gândavo se tornou pioneiro em descrever diversas características desse Novo Mundo como a linguística desses povos, determinando também localidades geográficas singulares, especificando espécies de animais, plantas e utensílios trazendo uma grandeza indiscutível para sua obra.

Mesmo tendo notícias da vinda de outros países anteriormente para essas terras distantes da América a exemplo da China, mediante a registros cartográficos feitos pelos mesmos, a exploração desse território só teve seu início mediante a dominação dos exploradores portugueses gerando assim interesse eminente a alguns outros países adentrarem seus domínios sobre essas terras, entre eles a França desbravando o Atlântico para então chegar a esse território. Aportaram no Brasil por volta de 1557 em um grupo de três caravelas, sendo que em uma destas vinha o cronista, pastor missionário, calvinista Jean de Léry em sua estadia neste Novo Mundo conviveu um longo período com os indígenas Tupinambás. Sua obra contribuiu de maneira significativa para a implementação da ideia do bom selvagem em meados do século XVI.

Durante o início da colonização a obra de Léry teve uma importância significativa no discurso propagandista sobre o Novo Mundo, assim trazendo benefícios a burguesia da época com a vinda de novos colonos para expansão dessas novas terras. Apesar de suas crenças Jean de Léry não tinha uma visão degradante das populações indígenas e sim humanizada que apesar de suas diferenciações a admiração por esta terra e por esses povos era maravilhada.

Segundo Carlos de Araujo Moreira Neto (2009, p.33) Jean de Léry apesar de seu ideário extremado consistia de uma visão humanizada sobre os indígenas, ficava encantado com a singularidade de diferentes paisagens naturais e características dos indivíduos, o que causava espanto era a crueldade dos indígenas no momento em que realizavam suas crenças ao praticarem seus rituais Antropofágicos mas não os inferiorizavam de forma alguma.

Léry vem ao Brasil no intuito de participar do projeto da França Antártica implantado por Nicolas Villegagnon no qual pretendia criar na colônia uma política de estruturação, trazendo emigrantes simples para terem uma adaptação fácil com os indígenas, dessa forma tornariam as relações viáveis entre ambos para o crescimento expansionista político e religioso dentro do território.

A ilha de Coligny como foi chamada por Villegagnon se estruturou na Guanabara se tornando o lugar de refúgio dos franceses sendo construído um forte em seu entorno protegendo seus habitantes.

Ali aportando, desembarcou e imediatamente se instalou em um rochedo na embocadura de um braço de mar ou rio de água salgada a que os indígenas chamavam *Ganabara* e que (como o descreverei oportunamente) fica a 23° abaixo do Equador, quase à altura do trópico de Capricórnio. (LÉRY, 2009, p. 76).

Jean de Léry não permaneceu durante muito tempo na ilha Coligny por discordar de

muitas atitudes tomadas por Villegagnon, sendo expulso do local se instalando posteriormente junto aos indígenas Tupinambás habitantes da Guanabara.

Tendo em vista que cada cronista tem suas particularidades em seus escritos mediante a temática do que seria o Novo Mundo sendo apresentado segundo as crônicas em períodos distintos, podemos observar a partir de então algumas proximidades e diferenciações que os autores trazem dentro de suas crônicas.

Os cronistas Pero Magalhães e Jéan de Lery construíram textos singulares em relação ao Novo Mundo, no entanto, se aproximavam muita das vezes em alguns momentos de seus escritos procurando ao máximo serem absolvidos facilmente por leitores de diferentes classes sociais. Ambos escritores traziam uma forma comparativa sobre tudo o que viam nessas terras com o que era existente na Europa. A religião se tornou também um dos objetivos principais dos cronistas a qual fazia parte do processo colonizador europeu.

Pero Magalhães procurava observar e escrever sobre suas experiências vividas mediante as fontes que considerava verdadeiras tentando fugir do fantástico. Trazendo descrições precisas sobre a fauna, a flora, os rios e as divisões territoriais vigentes nas novas terras.

Segundo Sheila Moura Hue (2004, p.22) para Gândavo tudo o que ele escrevia se baseava em um estudo verdadeiro juntamente com as experiências reais que vivenciou nessa nova terra.

Em consequente, Jéan de Lery passou um tempo maior com os indígenas Tupinambás descrevendo ao máximo em suas crônicas as características, o cotidiano desses indígenas mediante as relações estabelecidas em comunidade, a religiosidade, a língua falada, as guerras e a inserção do colonizador em seu meio.

“Minha intenção e meu objetivo serão apenas contar o que fiz, vi, ouvi e observei, quer no mar, nas viagens de ida e volta, quer entre os selvagens americanos com os quais convivi durante aproximadamente um ano.” (LÉRY, 2009, p. 75)

Léry mostra como se constituiu a ilha de Villegagnon, dentre outras ilhas por onde passaram antes de aportarem na Guanabara. Detalha as características físicas e comportamentais dos indígenas Tupinambás, trazendo como eram estabelecidas suas relações de trabalho, familiares e em grupo.

Como a estrutura da comunidade se desenvolvia, como eram feitos os rituais sagrados

quando eram capturados os inimigos, mostrando como estabeleciam os sistemas de troca de comida por objetos de pouca valia para os franceses.

“Como desconhecemos pagamento em moeda, o mesmo foi feito com camisas, facas, anzóis, espelhos e outras mercadorias usadas no comércio com esse povo.” (LÉRY, 2009, p.99)

Durante sua permanência neste novo território Léry descreve características físicas dos habitantes dessas terras as quais desconfigurava a ideia que os europeus tinham destes povos, sempre fazendo um comparativo aos indivíduos da Europa, falando de suas formas e características singulares se afastando da visão monstruosa que permeava o imaginário europeu.

Direi que os selvagens da América, habitantes na terra do Brasil, chamados *Tououpinambaouls* | Tupinambá |, entre os quais vivi durante quase um ano e com os quais tratei familiarmente, não são maiores nem mais gordos nem menores de estatura do que os europeus; nem têm os corpos monstruosos ou estranhos a nosso ver; são, porém, mais fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem-dispostos e menos sujeitos a moléstias, encontrando-se entre eles muito pouco coxos, disformes, aleijados ou doentios. (LÉRY, 2009, p.128).

Tornando assim as características físicas dos indígenas algo vislumbrado pelos franceses os quais desmistificava seus ideários, reconhecendo nesses povos habilidades positivas que lhes permitiriam a ver europeu serem bons para o trabalho a qual pretendiam implantar os colonizadores.

Os cronistas trazem em seus textos relatos sobre suas experiências no Novo Mundo e como os habitantes deste lugar viviam, o que os diferencia em partes é a maneira de escrita, suas observações individuais de todo o contexto que compunha estas terras. Cada um veio em um período diferente, Gândavo apresenta um texto com detalhamento único sobre a fauna, flora, características geográficas e culturais, sendo que seu texto se tornou de fundamental importância para a propaganda colonialista na Europa.

Sendo Léry mais específico em seu texto, trazendo sua experiência direta como os indígenas Tupinambás o qual observou muito bem toda a estrutura da comunidade, como se organizavam em grupo e suas lutas, as práticas religiosas, as estruturas do lugar, as plantas e suas funcionalidades, os alimentos mediante aos seus preparos e também sua língua falada

que gerou grande interesse para seus escritos posteriores.

## **2. EXPRESSÕES DO MEDO**

Mediante a toda carga imaginaria do medo que veio a partir da idade média passando para idade moderna sobre todos os dogmas religiosos que eram perpetuados fazendo os indivíduos duvidarem por vezes se valeria o esforço e as tormentas que enfrentariam nas viagens vindas a este Novo Mundo, eram tomados por uma coragem grandiosa a qual os levavam a seguirem nas expedições. Entretanto apesar do medo eminente anteriormente o novo também os trariam assombros de diferentes formas a partir da natureza que encontrariam, dos povos que já habitavam essas terras, dos animais e dentre tantas outras expressões de medo que encontrariam pelo caminho.

O imaginário criado mediante ao mar era de grande dúvida e medo em detrimento ao desconhecido, o que poderiam encontrar, onde chegariam, tudo era complexo e enigmático para os que se ariscavam a adentrar nesse vasto inexplorado. O medo consiste em uma condição humana a qual diferentes ações possibilitam insegurança e aversão ao que se considera perigoso tendendo a causar dor e sofrimento.

Para Jean Delumeau (2009, p.30) o medo em sua conceituação consiste em uma emoção a qual nos tornamos conscientes de um perigo direto que tende a nos ameaçar de forma eminente, assim podendo trazer ações adversas contrarias as quais se diferenciam segundo as circunstâncias em que o individuo esta inserido, podendo apresentar reações variadas como respiração ofegante, coração acelerado ou lento, vasos sanguíneos dilatados dentre outros sendo estas reações alertas defensivos do nosso corpo em situações em que o medo nos toma. O medo acompanha os indivíduos a partir de suas crenças, modos de vida, tudo o que acreditam e os levam a realizarem ações mediante as adversidades que os são apresentadas durante a vida para que assim possam toma-las ou não para si e enfrenta-las apesar de seus obstáculos internos.

Para o psiquiatra Paulo Dalgarrondo (2008, p.308) o medo consiste em uma característica universal entre o ser humano e os animais, não sendo uma emoção patológica caracterizado por um estado inseguro, de instabilidade e angustia a qual o ser humano se sente incapaz em realizar ações buscando evitar a todo custo o enfrentamento.

Segundo os cronistas Jéan de Léry e Pero Gândavo muitas eram as incertezas à cerca

do Novo Mundo mas tudo se tornaria ameno mediante a possibilidade de uma nova conquista a qual os benefícios seriam de importância inestimáveis para seus países e suas ordens religiosas. Tanto nas estruturas econômicas, políticas e sociais mediante aos novos domínios territoriais, colocando em prática os ensinamentos religiosos pensando eles que trariam assim uma possibilidade de transformar a vida dos indígenas como se os mesmos fossem seres ingênuos, vagantes em um mundo sem ordem, lei e Deus.

Segundo Carlos de Araujo Moreira Neto (2004, p.23) a França Antártica se tornou um lugar de diversas práticas, que passavam tanto por relações políticas, econômicas e religiosas.

Pero de Magalhães evidencia em um capítulo específico sobre o monstro marinho de São Vicente que o tenha visto de fato, procurando de maneira mais realista possível descrever essa experiência fugindo das contradições e informações duvidosas, se baseando também na oralidade e na escrita os quais o levou a escrever detalhadamente sobre os animais diferenciados encontrados nessas terras.

Tinha quinze palmos de comprimento e semeados de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas mui grandes como bigodes. Os índios da terra lhe chamam em sua língua ipupiara, que quer dizer demônio d'água. Alguns como este se viram já nestas partes, mas acham-se raramente. E assim também deve de haver outros muitos monstros de diversos pareceres que no abismo desse largo e espantoso mar se escondem, de não menos estranheza e admiração; (GÂNDAVO, 2004, p. 130-131)

As experiências de ambos cronistas foram diversificadas, muitos eram os aspectos que geravam insegurança e medo, podendo dizer que as incertezas os dominavam desde o enfrentamento do mar, seus estigmas, tanto ao chegar nas novas terras, nessas que viriam a enfrentar obstáculos nunca antes vistos, que precisariam sobreviver juntamente com esses povos que aqui habitavam, enfrentando essa Terra tão temerosa repleta de um vasto desconhecido.

O cronista Pero Magalhães descreve com detalhes a variedade de animais, plantas que encontrava pelo caminho mais precisamente os animais venenosos e peçonhentos, suas características singulares causavam grande impacto aos portugueses por serem em sua maioria desconhecidos para eles. Assim, o autor mostra como o clima se tornou poluído pela diversidade de plantas, com partes de terras alagadas o sol frequente produzia um odor que perpetuava a proliferação dos animais peçonhentos e por serem desconhecidos acabavam

trazendo medo e repulsa aos europeus. Gândavo chega a registrar vastas espécies de animais distintos os quais nunca nem foram catalogados.

Porque como os ventos que procedem da terra se tornam infecionados das podridões das ervas, matos, alagadiços, geram-se com influência do sol, que nisto concorre, muitos e mui peçonhentos animais, que por toda a terra estão esparzidos, e essa causa se criam e acham nas partes marítimas e pelo sertão adentro infinitos, da maneira que digo. (GÂNDAVO, 2004, p. 106)

Observando as escritas de Pero Magalhães e Jean de Léry buscavam eles relataram este novo como algo possível que apesar do medo e das dificuldades que enfrentariam os indivíduos ao virem para este lugar, teriam a possibilidade de um recomeço, de uma nova perspectiva de vida terrena e espiritual.

Por isso, quando a imagem desse novo mundo, que Deus me permitiu ver, a abundância de animais, a variedade de aves, a beleza das árvores e das plantas, a excelência das frutas e em geral as riquezas que embelezam essa terra do Brasil, logo me ocorre a exclamação do profeta no Salmo 104:

Ó Senhor Deus, como tuas obras  
São maravilhosas por todo o universo:  
Tudo o que fizeste foi de grande  
sabedoria! E, pois, a terra está plena  
de tua grandeza. (LÉRY, 2009,  
p.182)

Compreendesse que as características do Novo Mundo descritas pelos cronistas variam em alguns aspectos, o medo mediante a um lugar novo e desconhecido os aproxima, trazendo em suas individualidades escritos fundamentais para que os europeus tivessem conhecimento sobre o Brasil, mostrando-lhes ser uma boa terra que os fariam emigrar apesar de todas as dificuldades.

“Além disto, é esta província, sem contradição, a melhor para a vida do homem que cada uma das outras da América, por ser comumente de bons ares e fertilíssima, e em grã maneira deleitosa e aprazível à vista humana.” (GÂNDAVO, 2004, p.49)

Os europeus que chegavam nesta terra compartilhavam de um medo em comum a qual trazem os cronistas em seus escritos sendo esses os rituais antropofágicos, os quais

mesmo os indígenas tendo em sua base alimentar diversificada com a ingestão de diversas caças, plantas e raízes, sendo a principal delas a mandioca, realizavam também a ingestão de carne humana, causando estranheza mediante sua preparação até a concretização final do rito. A crueldade a qual se utilizavam causava espanto e estranheza aos europeus que assistiam assombrados todo o processo, desde a captura do prisioneiro, o cuidado com o mesmo até o momento da morte a qual todas as partes do corpo eram decepadas sendo divididas para cada grupo da comunidade indígena.

Uma das coisas em que os índios mais repugnam o ser da natureza, e em que totalmente parece que se extremam dos outros homens, é nas grandes e excessivas crueldades que executam em qualquer pessoa que podem ter às mãos, quando não seja de seu rebanho. Porque não tão somente lhe dão cruel morte quando estão livres e desimpedidos de toda paixão, mas ainda, depois disso, por se acabarem de satisfazer, lhe comem todos a carne, usando nessa parte de crueldades tão diabólicas, que ainda nelas excedem aos brutos animais que não têm uso de razão, nem foram nascidos para obrar clemência. (GÂNDAVO, 2004, p. 155)

Ambos os cronistas escreveram detalhadamente sobre esta prática que era realizada pelos povos indígenas dentro dos rituais antropofágicos motivados por questões de guerra mediante a vingança, acreditavam que ao ingerir da carne do inimigo durante os rituais estariam adquirindo sua força e virtude.

Logo que chegam, eles concedem mulheres (mas não maridos às prisioneiras), não hesitando mesmo um possuidor de prisioneiro em oferecer a este a própria filha ou irmã em casamento. Tratam bem o prisioneiro e lhe satisfazem todas as necessidades. Não marcam antecipadamente o dia do sacrifício; se os reconhecem como bons caçadores e pescadores, e consideram as mulheres boas para tratar das roças ou apanhar ostras, conservam-nos durante mais ou menos tempo; depois de os engordarem, como porcos na manjedoura, matam-nos afinal é os devoram em obediência ao seguinte cerimonial. (LÉRY, 2009, p. 192)

O ritual era algo grandioso sendo chamados para participarem aldeias de localidades próximas, duravam por horas, sendo realizados danças, cantos e servidos bons alimentos, posteriormente o prisioneiro era colocado em exposição para todos e em seguida ocorrendo, a morte que se dava por um golpe na testa ou na nuca para então seu corpo ser cortados em várias partes para serem cozidos e divididos entre homens, mulheres e crianças.

### 3. CONCLUSÃO

Mediante ao presente estudo foi observado que durante a vinda dos europeus ao Novo Mundo se constituiu de fundamental importância atravessar os limites impostos pelo medo que os tomavam por tempos para então enfrentar o imenso desconhecido. Sendo vantajoso para seus países essas grandes navegações mercantilistas que ao explorarem o novo os trariam por conseguinte grande prosperidade e o crescente poder de seu reino.

Tendo em um primeiro momento ao descobrimento o domínio das terras conquistadas para então transformarem em uma colônia de exploração, extraindo assim seus diversificados recursos naturais como a exemplo o pau-brasil que se tornou produto de grande valia para os portugueses implementando inicialmente o sistema de escambo esses quais os indígenas eram submetidos, sendo que eles faziam a retirada do pau-brasil das matas para abastecer as embarcações e serem vendidas por alto preço na metrópole, os serviços prestados eram trocados por produtos simplórios mas que para os indígenas era como algo revolucionário como a exemplo espelhos, cordas, utensílios diversos, que os portugueses repassavam para eles fazerem o trabalho melhor, mas os indígenas não viam desta forma e tinham esses objetos como algo novo para seu grupo.

Vindo a se transformar de fato em um sistema exploratório a partir de 1530 a partir das missões de demarcação onde o território começou a ser dividido em capitanias, posteriormente mediante as ordenanças da coroa portuguesa se estruturou principalmente na zona litorânea do nordeste brasileiro utilizando de uma nova matéria-prima o açúcar o qual se transformou em um sistema exploratório substituindo a mão-de-obra indígena pela negra e em outro período adentraram aos sertões onde encontraram grande quantidade de pedras preciosas como a exemplo o ouro, assim a estrutura econômica implantada no Brasil se estruturou mediante a valorização que a economia europeia destinava para cada produto fazendo com que as ações exploratórias da metrópole moldassem dentro da colônia de acordo com a demanda.

A colonização no território brasileiro a partir das perspectivas criadas pelos europeus sobre o desconhecido além do Atlântico gerou um processo crescente de domínio e exploração constante estabelecendo assim a construção da identidade desta terra a qual se moldou através do contato dos europeus com os povos indígenas que aqui habitavam, mas que de maneira afrontosa foram usurpados de seus espaços tendo que se

adequarem aos europeus que os impunham de toda sua cultura que tinham como civilizada e soberana. Apesar do medo que os europeus traziam em suas mentalidades, embarcavam a fundo nestas viagens para o desconhecido mesmo assombrados sobre o que enfrentariam, todas as adversidades que poderiam surgir durante o percurso e em suas permanências neste território, acabaram por tomarem o medo algo pequeno ao se depararem com a grandeza deste lugar o qual os trariam benéficos inestimáveis, de uma natureza nunca antes vista de clima tropical que contribuiria inegavelmente para uma nova vida dentro deste que seria o Novo Mundo.

Sendo que todo o medo acometido pelos indivíduos durante este período acabou se transformando em um método de controle usado pelos europeus para tomarem sobre seus domínios os indígenas desta terra com o intuito de explorar demasiadamente seus recursos, na obtenção de sua expansão territorial, lucro sobre o que não tem preço, sendo todas as suas ações justificadas em nome de Deus e sobre o poder superior de sua metrópole.

Diante das questões apresentadas compreendesse que o medo e as perspectivas diante da visão que os europeus tinham sobre o Novo Mundo advém de variáveis distintas, tendo este território como algo prospero o qual os traíam grandes benefícios tanto social, político, econômico e religioso. Os quais os transformariam em homens novos, apesar do medo pré-existente que os tomavam em suas ações acreditavam que este lugar para além do Atlântico os tornariam limpos em sua essência, onde seus pecados estariam sendo purgados, suas vidas transformadas e que apesar de todas as dificuldades seriam de imensa valia os esforços enfrentados durante as viagens e ao aportarem neste território.

Por fim, observou-se também em como o medo vem sendo perpassado durante praticamente todos os períodos históricos até os dias atuais, sendo usado como método de controle social ativo mediante a economia, religião e a política no Brasil a partir das propagandas constantes nas mídias de circulação em massa, instigando o imaginário, em como se configura e o que podem ser encontrados em locais ainda não explorados totalmente desta terra chamada Brasil. Estabelecendo padrões recorrentes de domínio mediante a população que paga diariamente pela ganância de uma minoria privilegiada que detem o poder nas mãos.

## REFERÊNCIAS

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR. Edição V - **Centro de História de Além-Mar**. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. 2024.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais** [recurso eletrônico] / Paulo Dalgalarrondo. – 3.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2019. p.308.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada/** Jean Delumeau; tradução Maria Lucia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **A primeira história do Brasil: história da** província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil; modernização do texto original de 1576 e notas, Sheila Moura Hue, Ronaldo Menegegaz; revisão das notas botânicas e zoológicas, Ângelo Augusto dos Santos; prefácio, Clenonice Berardinelli. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

LÉRY, Jean de. 1534-1611, **História de uma viagem feita à terra do Brasil**, também chamada América – apresentação da coleção, FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO; introdução geral Carlos de Araujo Moreira Neto; contribuição linguística Ayrton Dall’Igna Rodrigues; tradução Maria Ignez Duque Estrada; revisão da tradução Gisele Jacon; [coordenação geral Carlos de Araujo Moreira Neto e Ana Arruda Callado]. – Rio de Janeiro Betel: Fundação Darcy Ribeiro, 2009.

SOUZA, Laura de Melo e. **O diabo na Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade** popular no Brasil colonial – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.33-117.